

RELEITURA DA HISTÓRIA DE CRUZEIRO DO OESTE

Pedro Luiz Moreira¹;
Afonso Takao Murata².

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica no qual se analisa a única bibliografia do município de Cruzeiro do Oeste. O tema, surgiu da necessidade de estabelecer um debate sobre as determinantes econômicas, políticas e sociais que se constituíram em elementos fundamentais no desenvolvimento do município. O objetivo é analisar o conteúdo vinculado na referência e que é a base para o ensino de história do município nas escolas municipais. Constitui-se como problema para investigação, a aparente neutralidade e naturalidade do processo de desenvolvimento do município, no que diz respeito ao êxodo rural e aumento da população urbana, e, o alinhamento desta à ideologia dominante burguesa capitalista. Consiste em encontrar as contradições presentes na própria obra sob a luz de um referencial teórico que analisa os processos de urbanização como resultados do desenvolvimento capitalista onde quer que este tenha se instalado. Pretende ainda, indicar alguns temas mais específicos que precisam ser estudados para que se possa efetivamente compreender como se deu o processo de urbanização do município bem como a inserção de seus munícipes no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Naturalização das relações, processo de urbanização, trabalhadores rurais

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Cruzeiro do Oeste, e-mail: pmoreira120@gmail.com

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

1 CONTEXTO

Historicamente é possível observar que o processo de desenvolvimento do capitalismo em substituição ao modelo feudal foi marcado por um ideal de emancipação humana de todas as formas de “jugo” tanto ideológica, como da natureza. No entanto, à medida que a burguesia se consolida no poder como classe dominante, este ideal de liberdade e igualdade ganha novas conotações, direcionando os ideais de emancipação humanas pela racionalização em um sentido no qual o conhecimento técnico específico prevalece sobre a interconexão da realidade concreta. Neste sentido o conhecimento científico produzido se reduz ao domínio do homem sobre a natureza e na medida em que naturaliza todas as relações sociais cria também a possibilidade de justificar o domínio de uma classe social sobre outra, em última instância do homem pelo homem. Assim, a ideologia, aqui é entendida como uma forma de mascarar a realidade das relações sociais ocultando a lógica de exploração contida nas leis de mercado e tem papel fundamental no sentido de manter o sistema capitalista e a hegemonia de sua classe dominante “a burguesia”.

É que cada nova classe que alcança o poder é obrigada, apenas para realizar seu propósito, a apresentar seu interesse como sendo interesse comum a todos os membros da sociedade, ou seja, a dar aos seus pensamentos a forma de universalidade, a apresentá-los como os únicos racionais e universalmente válidos. (MARX, 2005 p.65)

Neste sentido, no que diz respeito a esta ideologia dominante destaca-se uma perspectiva de naturalização das relações econômicas que esconde seu caráter exploratório. Ao contrário disto, trata como se elas fossem frutos de processos de desenvolvimentos e progressos lineares que são naturalmente dados e não relacionados a interesses econômicos, políticos e de perspectiva de sociedade.

A partir do exposto, pretende-se discutir neste trabalho o processo de urbanização relatado no livro “**Cruzeiro do Oeste: origem e formação**” que se constitui na única fonte bibliográfica referente a história do município de Cruzeiro do Oeste, no qual seu conteúdo é vinculado nos currículos escolares. A preocupação é a de que o leitor menos atento assimile a ideia de que este município que surge com a perspectiva de se tornar centro de referência de desenvolvimento da Região noroeste do Paraná, por conta de intempéries e da falta de capacidades de toda ordem dos trabalhadores rurais de seus primeiros tempos teve seu desenvolvimento cerceado.

O objetivo central é questionar a aparente naturalidade do processo de desenvolvimento do município, apresentado na obra, a partir do entendimento de que esta é marcada pelas características que assumiram as ciências na modernidade que é a lógica formal “... sendo esta uma faceta intrínseca à lógica de hegemonização das relações capitalistas de produção e, por consequência de alienação do sujeito” (RIBAS, S/D p.105). Tal metodologia constitui-se em um procedimento que busca compreender o histórico local relacionado-o ao movimento de desenvolvimento das relações de produção capitalista que ocorre em um contexto mais amplo que extrapola os limites municipais, no qual a linha de raciocínio a seguir fornece as bases para a compreensão. “A burguesia não pode existir sem revolucionar, constantemente, os instrumentos de produção e, desse modo, as relações de produção e, com elas, todas as relações da sociedade.” (MARX, 1998 p.14). Entretanto, como veremos a seguir estes elementos escapam a análise do autor da referida obra sob uma aparente ou pretensa neutralidade. Paralelo a isto, traçar algumas possibilidades de investigação que podem ajudar a reinterpretar a história do município, ao menos do ponto de vista da classe trabalhadora.

2 CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS E GEOGRAFIA POLÍTICA

Cruzeiro do Oeste³ é um município localizado na região noroeste do Paraná. Segundo Ari Rodrigues⁴ (2000), os primeiros impulsos de desenvolvimento econômico acontece por volta de 1949, a princípio, exploração de madeira, na sequência produção agrícola com destaque para o café, milho, feijão, arroz, mandioca e criação de gado. Até 1960, o período é de expansão econômica e populacional, quando pela Lei nº4.245, o município foi desmembrado em outros oito municípios⁵. A partir de então os dados que se tem é de retração populacional e uma mudança na econômica. De acordo com os dados apresentados pelo mesmo autor o “município apresentou um decréscimo, bem como, a população rural vem se transferindo para a zona urbana e/ou se mudando para outras regiões” (RODRIGUES, 2000 p.18).

Tabela 1- Evolução do processo de urbanização do Município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná (adaptado de RODRIGUES, 2000).

	1970	%	1980	%	1991	%	1996	%
Urbano	13.023	34,58	15.342	56,62	16.742	70,91	16.752	79,12
Rural	24.640	65,42	11.936	43,38	6.867	29,09	4.421	20,88
Total	37.663	100,00	27.278	100,00	23.609	100,00	21.173	100,00

³ “Coodenadas: Lat. 23º,47’ Sul – Long. 53º,05’ Oeste – Greenwich” (RODRIGUES, 2000 p.1)

⁴ RODRIGUES, Ari. [et al]. **Cruzeiro do Oeste: origem e formação**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste, 2000. Esta é a única publicação referente ao histórico do município, ou seja, a história oficial.

⁵ Cidade Gaucha, Icaraíma, Iporã, Maria Helena, Tuneiras do Oeste, Umuarama e Xambre no ano de 1960 e no ano de 1963 o município de Tapeja. (RODRIGUES, 2000 p.18)

TABELA 2 - Tendência de urbanização do município de Cruzeiro do oeste até os dias atuais (adaptado de IBGE 2010a e b).

	2.000	%	2.010	%
Urbano	16.056	79,40	17.667	86,53
Rural	4.166	20,60	2.752	13,47
Total	20.222	100,00	20.419	100,00

O autor do livro ao relatar a história do município, atribui o processo de concentração da população na zona urbana (e isto considerando que a análise é feita com dados de 1996), a “expansão da pecuária” (RODRIGUES, 2000 p.18). No entanto, o que enfatiza são os fenômenos naturais catastróficos e a desastres ambientais como causadores do êxodo rural.

Há registros sobre as grandes geadas que ocorreram nesta região, em agosto de 1957, prejudicando quase que todos os produtores com a perda de cafezais.

Depois de um período de seca os incêndios se alastraram, acabando com a maior parte das matas do Paraná, e tornando-se conhecida nesta região como a geada preta. (RODRIGUES, 2000 p.18-19)

E ainda,

A partir de 1975, após mais uma grande geada, ocorreu uma forte erradicação de cafezais causando com intensidade o êxodo rural. (RODRIGUES, 2000 p.19)

Tomando por referência o contexto de crise do final da década de 1990, pelo qual o município atravessa, bem como, uma parcialidade política no período de elaboração de sua obra, o autor responsabiliza os trabalhadores que deixam o campo por suas possíveis desventuras como trabalhadores no meio urbano.

No entanto, a mão-de-obra que sai da zona rural é desqualificada para as atividades urbanas e passa a se entrosar nos serviços de construção civil e no comércio. (RODRIGUES, 2000 p.18)

Num segundo momento sugere que os próprios problemas econômicos do município são de responsabilidade destes povos que deixaram o meio rural, além de considerar que estes passam no mínimo metade de seu tempo desocupado.

A grande maioria porém, por não possuir condições financeiras nem muita instrução, passa a integrar o contingente de trabalhadores volantes, os bóias-frias, que trabalham no corte da cana e colheita de algodão, atividade sazonal e permanecem ociosos quase seis meses por ano. (RODRIGUES, 2000 p.18)

Sem recorrer a nenhuma outra fonte utilizando apenas os dados do próprio autor (RODRIGUES, 2000), algumas dúvidas e contradições vão surgindo. Quando se propõe a apresentar a economia aponta o “setor agropecuário como uma das principais fontes do município”, e que em “algumas áreas predominam os latifúndios e em outro as pequenas propriedades”. Enfatiza que a pecuária oferece pouca mão-de-obra e que na agricultura a atividade que prevalece é o cultivo de cana de açúcar. Sem relacionar estas formas a nada parece que elas surgiram do nada e se explicam por si só pela mera descrição dos fatos. A modernização da agricultura que acontece a partir de 1970 com a introdução de tecnologias agropecuárias, e a chamada “Revolução Verde”, que exerce fortes influências na região sul do país, não faz parte do universo de análise do autor, como se os elementos que veremos a seguir não tivessem a menor importância nos desdobramentos locais.

Com efeito, regra geral, os beneficiados com as políticas de modernização – com o crédito generoso, com a pesquisa agropecuária e a assistência técnica, com os preços mínimos e com os incentivos oficiais – foram os grandes produtores. A nova tecnologia se adaptava bem às extensas áreas de terra de que dispunham. Apoiando-se na mecanização e em processos produtivos pouco intensivos em mão-de-obra, aumentando fortemente a sazonalidade no seu uso,

reduzindo drasticamente a necessidade de trabalhadores residentes. (MUELLER, 1997 p.86)

Nas páginas 25, 26 e 27 enumera 28 indústrias aproximadamente, das quais, não mais que duas tem mais que 100 funcionários quais sejam laticínio “LATCO Alimentos” e frigorífico “Paraná Oeste”, as demais, a grande maioria não passa de 10 funcionários. Ao tratar do comércio local afirma que o “número de estabelecimentos comerciais é expressivo”.

Assim, não foi por falta de qualificação e recursos financeiros que os trabalhadores que deixavam o campo passavam a trabalhar no comércio, ou mesmo continuavam a trabalhar no meio rural “como bóias-frias”, mas sim porque ao longo da história o setor industrial do município é inexpressivo, e não só no município diante da intensidade do processo de migração que ocorre no contexto geral do país, numa proporção sem precedentes na história do desenvolvimento capitalista basta olhar os números.

Com isso, houve forte expulsão de mão-de-obra e reduzindo-se muito o espaço de arrendatários, parceiros e, em geral, de pequenos produtores, provocando forte êxodo rural. Ademais por uma combinação de diversos fatores, a concentração fundiária acabou se intensificando. Em consequência de tudo isso, durante as décadas de 1960 e 1970 quase 30 milhões de pessoas deixaram o campo, rumo às cidades... (MUELLER, 1997 p.86)

Deve-se salientar ainda, que com uma “população com poucos recursos financeiros” que se aglomera nas periferias das pequenas e grandes cidades que não estava preparada para receber um contingente tão grande de trabalhadores “livres das velhas formas” de relação de trabalho acima descritas, como desenvolver um setor de serviços, que pudesse servir de referência para o mercado de trabalho? Ainda que os trabalhadores tivessem qualificação e por sinal não tinham, o que também não havia no município, tampouco nos grandes centros, era uma demanda de serviços que pudessem ocupar todo o contingente de trabalhadores que ao longo

de décadas foram sendo “liberado” do trabalho no campo para constituir, parafraseando Marx, a classe de trabalhadores “livre” para vender sua força de trabalho ao capital.

Neste sentido, o processo na qual os sujeitos que viviam no campo, no qual as relações de trabalho estavam pautadas na parceria entre trabalhador e proprietário do meio de produção - terra e infra estrutura necessária a produção – é substituído por novas relações de trabalho, no próprio campo, agora assalariado e com vínculos extremamente precários.

A análise do quadro econômico apresentado, pode nos ajudar a compreender de outro ponto de vista, “o dos trabalhadores do campo”, o quadro de depressão econômica do município que libera os trabalhadores de suas antigas relações de trabalho para adquirir novas. No entanto, este não é um processo natural e local como faz parecer a interpretação do autor, ao contrário, o que acontece no município no período analisado se alinha uma perspectiva nacional promovida pelo desenvolvimento industrial, que não foge ao que ocorreu em âmbito internacional onde quer que tenha ocorrido a transformação no modo de produção industrial “capitalista”.

O setor primário da economia nacional vem cumprindo o movimento estrutural de transferência de parcela significativa do campo para o meio urbano, em conformidade com a experiência internacional. (Pochmann, 2008 p.161)

Seguindo esta tendência da conjuntura econômica é possível então compreender o desenvolvimento local. Assim, ou foram para os “*grandes centros, urbanos, atraídos pela possibilidade de uma vida melhor*”. (Pochmann, 2008 p.162), e parte permaneceu e passando a constituir os trabalhadores “assalariados” no próprio município, estes trabalhadores não podiam vender sua força de trabalho na indústria e no setor de serviços, não por falta de qualificação, mas porque não existiam postos de trabalho na indústria e no setor de serviços, assim o que estava a disposição no momento era o trabalho na agricultura, ora algodão, ora cana de

açúcar, com vínculos empregatícios extremamente precários caracterizados como “boias-frias”, ou mesmo permaneceram no campo em condições precárias de vida por falta de opções. Conforme elucida a citação abaixo.

Sem reforma agrária, e sem outras políticas públicas inovadoras e de apoio às regiões rurais pauperizadas, ocorreu um forte êxodo rural. Como resultado, a pobreza rural se converteu em grandes levas de pobreza urbana, tendo em vista a dificuldade de as cidades em expansão acolherem de maneira adequada o grande volume de migrantes. (Pochmann, 2008 p.162)

Assim, não foram os chamados “contra tempo” naturais, quais sejam geadas ou acidentes provocados, como o caso dos incêndios, que promoveram a urbanização e ao mesmo tempo causando problemas sociais, mas sim o processo de aprimoramento do modo de produção capitalista, que revoluciona constantemente todas as formas de produção deixando como legado principal a acumulação de riqueza na mão de poucos, os privilegiados donos dos meios de produção, ao passo que para a grande maioria resta encontrar um espaço no mercado de trabalho ao qual possa vender sua força de trabalho.

3 EXTRAPOLANDO OS LIMITES IMEDIATOS DO OBJETO

Não se pretende aqui esgotar todas as possibilidades de releitura da história do município de Cruzeiro do Oeste, vários são os aspectos que podem e devem ser estudados se pretendemos conhecer seu desenvolvimento. A saber, a contribuição da educação e da cultura neste processo. É preciso investigar os processos formativos no campo e do campo os aspectos informais e também os formais, no sentido de conhecer a abrangência e o viés das políticas públicas para este setor. Outro caminho de pesquisa diz respeito a inserção quantitativa e qualitativa dos egresso do campo no, ainda que pequeno, mercado de trabalho, entendendo que estes não constituíram tão somente os cargos de menor prestígio no sistema

produtivo, ao contrário, supõe-se que destes egressos do meio rural encontra-se também aqueles que ocupam cargos de comando em diversos setores da sociedade, do setor produtivo ao ideológico destacando a atuação na própria política.

A parcela que permaneceu no campo também merece destaque. Qual a característica desta parcela da população? O que a obrigou a ficar por ora está suficientemente claro, o que permitiu a ela que se mantivesse, pode apontar alguns caminhos para aqueles que de forma digna querem continuar a exercer o “poder de escolher” sua forma de organização, relações de produção e trabalho, com a natureza e com a sociedade.

Ao tentar fazer uma leitura daquela realidade de um ponto externo a ela é possível perceber alguns pontos fundamentais que criaram as condições possíveis para que estas pessoas pudessem resistir às dificuldades reais e as maravilhas prometidas pelo modelo de vida urbano. Além de um profundo desejo de continuar vivendo no campo e do campo se destaca a o caráter coletivo da resistência.

À medida que, por força das circunstâncias se deram conta de que os problemas não eram apenas individuais e sim coletivos estava dada a possibilidade de criação de associações que passaram a lutar – algumas vezes mais outras menos – coletivamente pelos interesses de cada um e ao mesmo tempo de todos.

Neste processo novas identidades foram sendo criadas, tais como: entre produtores de leite, feirantes, uso compartilhado de água potável, etc. Enfim, todas estas formas de organização merecem ser estudadas para que se possa ter uma referência sobre o desenvolvimento do município na sua totalidade agora com a compreensão de que sua especificidade é composta por múltiplas determinações de um contexto global de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Para fazer a leitura da realidade é preciso utilizar as lentes da crítica e quanto maior o número de graus mais nítido a visão da realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o princípio de que a pretensão do trabalho é inaugurar um debate não faria sentido uma conclusão, mas sim esboçar uma síntese provisória, qual seja, tanto do ponto de vista ideológico como do ponto de vista prático, as pessoas que vivem no meio rural sempre foram vista e tratadas como inferiores as pessoas do meio urbano, estes sempre chegam com pacotes prontos para oferecer à aqueles como alternativas para resolver todos os problemas considerando que eles são incapazes, tanto de pensar, como de fazer qualquer coisa corretamente, justificando que é por este motivo que vivem em dificuldades. A questão é que muitas vezes por conta de limitações impostas pela materialidade e pelo poder da ideologia as populações do meio rural, acabam acatando estas idéias, com maior ou menor resistência. Isto aconteceu, por exemplo, quando todas as escolas do meio rural foram fechadas para reduzir custos, sob o pretexto de que as escolas urbanas eram mais modernas e poderiam ofertar um ensino de melhor qualidade. Entretanto o que se percebe é que isto não passa de ideias e práticas superficiais imediatista, motivados por interesses políticos eleitoreiros ou interesses econômicos propriamente ditos, como é o caso dos atuais produtores de acerola, do município, que por conta de uma promessa de uma suposta “mina de ouro” foram induzidos a comprar mudas de acerola por valores exorbitantes, para depois se darem conta de que tinham uma dívida, suas terras ocupadas e sem ter para quem vender sua produção. Neste momento, tanto a iniciativa para criar alternativas, como os riscos, tiveram que ser destes que são considerados inferiores, isto só para citar um exemplo. Assim acredita-se, que no atual nível de desenvolvimento científico e tecnológico não faz mais sentido a oposição entre cidade e campo, qualquer tentativa de padronização está vinculado a processos de hierarquização e elitização da sociedade e da cultura em ultima instância desumanização, porque nossa característica mais elementar é a diversidade ou como afirma Marx unidade do diverso.

6 REFERÊNCIA

MARX, Karl. **O manifesto do partido comunista**. Tradução Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX, Karl. **A ideologia alemã: Teses sobre Feuerbach**. Tradução Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2005.

MUELLER, C. Charles. MARTINE, George. **Modernização da agropecuária, emprego agrícola e êxodo rural no Brasil – A década de 1980**. Revista de Economia Política, v.17, n.3 (67), julho-setembro/1997.

POCHMANN, Marcio. **O emprego no desenvolvimento da nação**. São Paulo, SP: Boitempo, 2008.

RIBAS, Alexandre Domingues. SANTOS, Dirceu Evaldo Pereira dos. RIBEIRO, Júlio Cesar. SOUZA, Marcos Timóteo Rodrigues de. **Marxismo e geografia: paisagem e espaço geográfico – uma construção para o entendimento da sociedade contemporânea**. S/D

RODRIGUES, Ari. MORETTO, Maria de Lurdes Madrona. RODRIGUES, Maria Helena Bertoco. TOZZO, Neuza. LISIK, Odete Aparecida. **Cruzeiro do Oeste: origem e formação**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste, 2000.

IBGE, 2010a Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_parana.pdf Data do acesso: 23/02/2010.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



IBGE, 2010b Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=41&letra=C Data do acesso: 23/02/2010.